



Expressões de homoerotismo na poesia *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa. Mergulho nos insondáveis: mar e imaginário

Ella Ferreira Bispo^{1*} e Luizir de Oliveira²

¹ Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, sala 386, s/n., 64.049-550, Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil.

² Programa de Pós-graduação em Ética e Epistemologia, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Campus Petrônio Portella, Teresina, Piauí, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ellaferbispo@gmail.com

RESUMO. O presente estudo procura compreender o imaginário correspondente à realidade social do poeta luso Fernando Pessoa (1888-1935), nos seus efeitos descritíveis a partir de uma análise das expressões de homoerotismo na poesia *Ode Marítima*. Assinada por Álvaro de Campos, o heterônimo considerado mais impulsivo e indisciplinado de Fernando Pessoa, *Ode Marítima* foi publicada em 1915 na *Orpheu*, revista considerada o embrião do modernismo português. A angústia do eu-lírico pessoano no confronto com o ‘armário’ (Sedgwick, 2007), aferida na leitura ora apresentada, permite-nos entrever um imaginário marcado compulsivamente pela heteronormatividade.

Palavras-chave: *Ode Marítima*, ficção, imaginário, homoerotismo, epistemologia do armário.

The homoerotic images in *Ode Marítima* by Fernando Pessoa. Diving in the unfathomable: sea and imaginary

ABSTRACT. The core discussion in this paper focuses on the apprehension of the imaginary corresponding to the social reality of the Portuguese poet Fernando Pessoa (1888-1935). Our main concern lies on its descriptive effects according to an analysis of the homoerotic images that can be grasped in *Ode Marítima* by Álvaro de Campos, Pessoa’s most undisciplined and impetuous heteronym. *Ode Marítima* was first published in 1925 in *Orpheu*, a magazine that gave rise to Portuguese Modernism. We believe that the issues we highlight herein, based on the confrontation between the anguish felt by the ‘lyric I’ and the ‘closet’ (Sedgwick, 2007), permit a glimpse of the Pessoaan imaginary coercively marked by heteronormativity.

Keywords: *Ode Marítima*, fiction, imaginary, homoeroticism, epistemology of the closet.

O poeta é um fingidor.
 Finge tão completamente
 Que chega a fingir que é dor
 A dor que deveras sente.
 Fernando Pessoa em
Autopsicografia (1986, p. 98).

Introdução

Defronte à leitura dos famosos versos metalinguísticos de *Autopsicografia* (trazidos na epígrafe deste trabalho), escritos em 1931 pelo poeta luso Fernando Pessoa, torna-se incontestado o caráter ficcional dos textos literários. Entretanto Wolfgang Iser em *Atos de fingir*, constante na obra *O Fictício e o imaginário* (1996), chama-nos a atenção ao estabelecimento da oposição entre realidade e ficção. Logo de início, Iser (1996) interroga: “Os textos ‘ficcionalizados’ serão de fato tão ficcionais e os que

assim não se dizem serão de fato isentos de ficções?” (p. 13, grifo do autor). A pergunta lançada por Iser nos leva ao questionamento da legitimidade do texto literário enquanto obra ficcional par excellence, tanto pelo fato de que a ficção não é exclusividade do texto literário, quanto pelo fato de que a ficcionalidade do texto literário está relacionada a uma demanda bem mais ampla que o próprio texto.

À dicotomia realidade/ficção, o crítico alemão propõe a substituição pela tríade ‘realidade - ficção - imaginário’, como modo de destituir a relação de

oposicionalidade entre o real e o fictício. Conforme Iser (1996),

[...] como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingido, a apresentação de um imaginário [...] (p. 13).

Os argumentos apresentados por Iser nos asseguram que a ficção não se constitui diante da eliminação da realidade. Consequentemente, tanto a realidade social quanto a realidade de ordem sentimental e emocional são identificáveis no texto ficcional. Sobretudo, podemos inferir que um texto ficcional não funciona como um espaço hermético e autossuficiente.

Outrossim, Iser aponta que é necessário perceber que as realidades identificáveis no texto ficcional não se repetem nele tais quais elas próprias, mas estão estreitamente relacionadas a um imaginário concernente à realidade repetida e, de modo análogo, fingida:

Se o texto ficcional se refere portanto à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida, nele então emerge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. Assim o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é a de provocar a repetição no texto da realidade, atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito (*Vorstellbarkeit*) do que assim é referido [...] (Iser, 1996, p. 14, grifo do autor).

Portanto, a tríade proposta pelo crítico alemão quanto à articulação entre o fictício com o real e o imaginário, pode ser considerada uma das propriedades do texto ficcional. O imaginário atua, então, como força transgressora da realidade repetida no texto literário, pois, nas palavras de Iser (1996), “[...] quando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação [...]” (p. 14).

Para Iser, a perceptibilidade do ato de fingir, ao passo que simultaneamente configura uma irrealização do real e uma realização do imaginário, origina um pressuposto central que permite o reconhecimento quanto ao ponto das transgressões de limites à medida que elas

[...] (1) representam a condição para a reformulação do mundo formulado, (2) possibilitam a compreensão de um mundo reformulado e (3) permitem que tal acontecimento seja experimentado [...] (Iser, 1996, p. 16).

Assim, podemos dizer que, de alguma forma, o texto ficcional nos dá acesso ao mundo do autor, à realidade extratextual que ordinariamente constitui campos de referências ao texto produzido. Tanto a realidade, enquanto facticidade, quanto outras interpretações da realidade, reproduzidas em outros textos, (con)fundem-se nas linhas de um texto literário. A ficção, portanto, não deve ser reduzida ao par opositivo do real, mas compreendida como ato intencional que manifesta não apenas aspectos de uma realidade *per se* mas a operacionalidade de um imaginário imanente a essa realidade. Denotamos, consequentemente, que a literatura não transcende a realidade mesma.

Ante os argumentos que precedem, faz-se necessário ressaltar que, assim como não efetuamos uma visão dicotômica entre o ficcional e a realidade factual, igualmente não a efetuaremos em relação ao imaginário e esta:

Ora, a imaginação não se determina por si mesma, nem pelo sujeito; ela ganha seu contorno através dos contextos cambiantes em que opera. Sendo captável apenas por meio de seus efeitos (*Wirkungsweisen*), as funções e qualidades reconhecíveis apontam algo que lhes antecede. Pois não há qualidades, funções, ou efeitos que tenham existência própria, pois do contrário já seriam enquanto feixe algo de que são predicções. Essas sempre pressupõem algo, e indicam algo excedente (*Überschuß*) [...] (Iser, 1996, p. 228-229, grifos do autor).

Portanto, o esforço em balizar as manifestações do imaginário no texto literário parte do pressuposto de que, tal qual o proposto por Iser, o ato de fingir uma realidade que não é a empírica torna-se possível por meio da interação entre o fictício e o imaginário, e esses elementos, por conseguinte, não estão deslocados de uma realidade dada. Isso posto, o presente estudo procura compreender o imaginário concernente às relações de gênero moldadas no âmbito das redes de poder, correspondentes à realidade social do poeta luso Fernando Pessoa (1888-1935), nos seus efeitos descritíveis a partir de uma análise das expressões de homoerotismo na poesia *Ode Marítima*.

Notas preliminares sobre homoerotismo, heteronormatividade e ‘epistemologia do armário’

‘Qual é o teu nome?’ Ele disse: ‘Meu nome é amor’.

De imediato, o primeiro virou para mim e gritou: ‘Mente! O nome dele é Vergonha,

Eu é que sou o Amor, e costumava estar

Sozinho neste jardim luminoso, até que ele chegou

Sem ser convidado, durante a noite. Eu sou o verdadeiro Amor, eu preencho

Os corações do rapaz e da moça com chama mútua.
Então, suspirando, disse o outro: 'Como quiseres,
Eu sou o amor que não ousa dizer seu nome.'¹

Lord Alfred Douglas em *Dois Amores/Two Loves*²
(1894, p. 28, grifos do autor).

Este artigo apresenta-se como um estudo de caráter introdutório, dada a complexidade e a extensão do poema *Ode Marítima* (Pessoa, 1986). Assinado por Álvaro de Campos, o heterônimo considerado mais impulsivo e indisciplinado de Fernando Pessoa, o mencionado poema possui um total de 938 versos que transbordam um subjetivismo furioso, escritos em uma linguagem permeada por interjeições, onomatopeias, estrangeirismos e expressões exclamativas. *Ode Marítima* foi publicado em 1915 na *Orpheu*, revista considerada o embrião do modernismo português. De trajetória curta e intensa, *Orpheu* teve apenas duas edições: uma em março e outra em junho de 1915. Além de Fernando Pessoa, a revista reuniu colaborações de nomes como Almada Negreiros e Mário de Sá Carneiro. Felipe Medeiros, em sua pesquisa dedicada à análise de como se configura o discurso homoerótico na poesia de Fernando Pessoa, comenta a recepção da revista *Orpheu* por parte do público e da crítica em Portugal:

Por causa das representações poéticas do autor de *Autopsicografia*, à época em que fazia parte do grupo órfico, além de ter sido taxado como louco, foi rotulado de pederasta, homossexual - no sentido pejorativo, a exemplo particular, relacionando tais preceitos aos poemas: *Ode triunfal* e *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos e *Cena do Ódio*, de Almada Negreiros. Esses poemas foram alvos de tremendos ataques do público e da crítica portugueses. Houve até ocorrência de apreensão de tiragens do segundo volume da revista *Orpheu*, uma forma brutal de censura (Medeiros, 2014, p. 16, grifos do autor).

Destacamos que não interessa a este estudo investigar a sexualidade de Fernando Pessoa nem qualquer outro ponto da vida pessoal do autor. No entanto a euforia homofóbica, manifestada na recepção da revista *Orpheu* e, por conseguinte, do poema ora estudado, revela-nos características do contexto sociocultural da época e acaba por fomentar a leitura empreendida. Constatamos - diante da descrição do fato ocorrido, que nos revela o empenho inquisidor da crítica e a consequente

apreensão de tiragens da revista - o quanto a homofobia foi promulgada não somente pelo discurso teológico, como também pelo discurso acadêmico e jurídico. Notemos que Fernando Pessoa recebe o rótulo de 'homossexual', e que o termo é utilizado em tom acusatório e depreciativo³.

Ante o exposto, justificamos que a adoção da terminologia 'homoerotismo', para aludir ao que denominamos de homossexualismo em língua corrente, dá-se com o intuito de não reproduzir os efeitos de sentidos decorrentes do emprego pejorativo desse termo. Por seu turno, Jurandir Freire Costa, no prefácio de sua obra *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*, sugere que

[...] persistir utilizando tais noções [homossexualismo, homossexual] significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomenclatura preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico [...] (1992, p. 11).

Sobretudo, Jurandir Freire Costa (1992) discute como o rótulo de homossexual torna-se um fardo moral e psíquico extremamente difícil para muitos homens. A partir desse rótulo, o sujeito passa a ser frequentemente identificado em função da inclinação erótica que infringe a heteronormatividade e, conseqüentemente, é desaprovada moralmente e inclusa em classificações do rol de patologias médico-psiquiátricas e até mesmo psicanalíticas. Pois, com o propósito de rechaçar tendências essencializantes, que reduzem e homogeneizam o sujeito em virtude da inclinação erótica por pessoas do mesmo sexo biológico, Jurandir Costa enfatiza que

[...] interpretar a ideia de 'homossexualidade' como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Penso que a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível desse engano. Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão, etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra 'homossexual'. Segundo porque nega a ideia de que existe algo como 'uma substância

¹ Nossa tradução do original: *What is thy name? He said, 'My name is Love.' / Then straight the first did turn himself to me / And cried, 'He lieth, for his name is Shame, / But I am Love, and I was wont to be / Alone in this fair garden, till he came / Unasked by night; I am true Love, I fill / The hearts of boy and girl with mutual flame.' / Then sighing, said the other, 'Have thy will, / I am the love that dare not speak its name'.*

² A poesia *Two Loves*, escrita por Lord Alfred Douglas (1870-1945), foi publicada na revista *The Chameleon* em 1894.

³ Remetemos o leitor que deseje aprofundar-se nessas questões de fundo ao bem documentado trabalho de investigação, organizado por Victor Correia (2016), Fernando Pessoa. *A Homossexualidade, a identidade de gênero, e as mulheres*. Nessa obra, o pesquisador apresenta um extensivo painel das referências homossexuais e homoeróticas ao longo da obra pessoana além de oferecer relações intertextuais que ampliam o debate para além do que pontuamos neste artigo. Cumpre destacar que, embora Victor Correia adote a terminologia 'homossexualidade' para demarcar o conteúdo de sua pesquisa, o autor resiste a compreensões essencialistas, atinentes a tal terminologia, conforme podemos observar no argumento apresentado no prefácio de sua mencionada obra: "Assim como não existe apenas uma sexualidade mas muitas, também não existe apenas uma forma de viver a homossexualidade, mas muitas [...]" (2016, p. 23).

homossexual' orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro⁴, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso 'homossexualismo' de onde derivou o substantivo 'homossexual' (Costa, 1992, p. 21-22, grifos do autor).

Portanto, o estudo ora proposto esforça-se para não endossar um imaginário que, valendo-se das práticas discursivas, promulga estereótipos a partir dos quais se atribui às pessoas uma natureza fixa, inferior e diretamente relacionada à inclinação erótica por outras do mesmo sexo biológico.

Na compreensão de Judith Butler, apontadas em sua obra *Undoing gender*, as visões normativas, amparadas na estrutura binária sobre a masculinidade e a feminilidade, não preceituam nada além de uma categorização abusivamente idealizada dos gêneros:

A norma governa a inteligibilidade social da ação, mas não se confunde com a ação que governa. A norma parece ser indiferente às ações que regula, ou seja, a norma parece ter um *status* e efeito que é independente das ações regidas por ela. A norma regula a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma rede de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que irá e do que não irá aparecer na esfera social⁵ (Butler, 2004, p. 41-42).

Ou seja, a estrutura do aparato normativo em si não é suficiente ao estabelecimento dos gêneros:

Gênero é o aparato através do qual tem lugar a produção e a normalização do masculino e do feminino juntamente com as formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume [...] (Butler, 2004, p. 42).

Portanto, quando abordamos a transgressão da heteronormatividade, não o fazemos por vias de uma compreensão amparada na insuficiência ou ausência de um caráter considerado próprio à masculinidade⁷.

⁴ Tal argumento de Jurandir Costa vai, em nosso ponto de vista, ao encontro do proposto por Judith Butler, na obra desta *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), que, por sua vez, lança mão da performatividade como modo de superar uma concepção meramente substantivada do gênero: "[...] o 'gênero' não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é 'performativamente' produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero" (p. 48, grifos da autora).

⁵ Nossa tradução do original: *The norm governs the social intelligibility of action, but it is not the same as the action that it governs. The norm appears to be indifferent to the actions that it governs, by which I mean only that the norm appears to have a status and effect that is independent of the actions governed by the norm. The norm governs intelligibility, allows for certain kinds of practices and action to become recognizable as such, imposing a grid of legibility on the social and defining the parameters of what will and will not appear within the domain of the social.*

⁶ Nossa tradução do original: *Gender is the apparatus by which the production and normalization of masculine and feminine take place along with the interstitial forms of hormonal, chromosomal, psychic, and performative that gender assumes [...].*

⁷ Marcado com inicial maiúscula para assinalar sua correspondência com conceitos metafísicos. Nesse sentido, para o arranjo do argumento apresentado,

Embora a heteronormatividade não possa estabelecer e definir os gêneros, conforme seu padrão binário, ela não deixa de conservar um poder de legitimação em relação aos mesmos. Nesse sentido, Butler (2004) propõe que se há um mecanismo legitimador a partir do qual se produzem e se naturalizam as noções de masculinidade e feminilidade, o gênero poderia, em princípio, estabelecer-se então no aparato pelo qual o caráter considerado próprio aos termos masculino e feminino se desconstrói e se desnaturaliza:

Com efeito, pode ser que o mesmo aparato que busca estabelecer a norma também possa trabalhar para minar o próprio estabelecimento; tal estabelecimento, por assim dizer, é incompleto desde sua definição. Manter o termo 'gênero' para além da masculinidade e da feminilidade é salvaguardar uma perspectiva teórica pela qual se pode oferecer uma explicação de como o par binário masculino-feminino trata de esgotar o campo semântico de gênero⁸ (Butler, 2004, p. 42, grifo da autora).

No artigo intitulado *A epistemologia do armário* Eve Kosofsky Sedgwick promove uma reflexão sobre como o 'armário'⁹ funciona como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas, ao passo que resguarda a hegemonia dos valores e privilégios concernentes aos heterossexuais. De acordo com Sedgwick, o armário constitui uma presença formadora recorrente, mesmo na vida de pessoas gays assumidas:

Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um

sublinhamos o 'imperativo da presença', salutar a processos de dominação, enquanto matéria que fundamenta o valor de verdade. Jacques Derrida (1973) faz alusão a quatro modalidades de metafísica, sobredeterminadas pelo 'imperativo da presença': "[...] presença da coisa ao olhar como *eidos*, presença como substância/essência/existência (*ousia*), presença temporal como *ponta* (*stigmé*) do agora ou do instante (*nun*), presença a si do cogito, consciência, subjetividade, co-presença do outro e de si, intersubjetividade como fenômeno intencional do ego, etc" (p. 15, grifos do autor).

⁸ Nossa tradução do original: *Indeed, it may be that the very apparatus that seeks to install the norm also works to undermine that very installation, that the installation is, as it were, definitionally incomplete. To keep the term 'gender' apart from both masculinity and femininity is to safeguard a theoretical perspective by which one might offer an account of how the binary of masculine and feminine comes to exhaust the semantic field of gender.*

⁹ Com sentido metafórico, a expressão 'armário' (*closet*) está relacionada com as diádes público/privado, livre/secreto. Indica um espaço que resguarda os desejos e pensamentos considerados impróprios conforme os padrões culturais. De acordo com o pensamento crítico de Eve Kosofsky Sedgwick (2007), o 'armário' denota o efeito reificante, resultante da repressão estruturada na recusa cognitiva da sexualidade entre homens, entre mulheres. Nesse sentido, Sedgwick argumenta que "[...] o efeito gradualmente reificante dessa recusa significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintivamente constituída como segredo [...]. Novamente, foi uma longa cadeia de identificações entre uma sexualidade e um posicionamento cognitivo particular (neste caso, a denominação feita por São Paulo, rotineiramente reproduzida e reelaborada, da sodomia como o crime cujo nome não deve ser pronunciado e, portanto, cujo acesso ao conhecimento é o único adiado), que culminou no pronunciamento marcante de Lorde Alfred Douglas [...]: 'Eu sou o Amor que não ousa dizer seu nome'" (2007, p. 30, grifo da autora).

emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra ‘terapia’, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (Sedgwich, 2007, p. 22, grifo da autora).

Ante o exposto, ressaltamos que a problematização dos processos de internalização e transgressão da heteronormatividade, compreendidos no esforço de ‘entrar-sair do armário’, permite-nos impugnar a) a inscrição dos valores sociais que incidem sobre o corpo como ordem naturalmente dada, b) o ideal regulador da heterossexualidade compulsória, c) a idealização de uma identidade sexual plena e fixamente constituída.

Expressões de homoerotismo em *Ode Marítima*

No cais deserto, ao amanhecer do dia, o eu-lírico observa a chegada de uma embarcação ao porto. Ainda que distante, o pacote contemplado absorve o eu-lírico de tal modo que chega a causar-lhe uma sensação de vertigem. E logo somos lembrados do quão comum é a alteração na percepção dos movimentos em ocasiões de deslocamento em um navio:

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
 Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,
 Olho e contenta-me ver,
 Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.
 Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
 [...]
 Há uma vaga brisa.
 Mas a minh'alma está com o que vejo menos,
 Com o pacote que entra,
 Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
 Com o sentido marítimo desta Hora,
 Com a doçura dolorosa que sobe em mim como
 uma náusea,
 Como um começar a enjoar, mas no espírito.
 Olho de longe o pacote, com uma grande
 independência de alma,

E dentro de mim um volante começa a girar,
 lentamente.

Os pacotes que entram de manhã na barra

Trazem aos meus olhos consigo

O mistério alegre e triste de quem chega e parte.

Trazem memórias de cais afastados e doutros
 momentos

Doutro modo da mesma humanidade noutros
 pontos.

Todo o atracar, todo o largar de navio,

É - sinto-o em mim como o meu sangue -

Inconscientemente simbólico, terrivelmente

Ameaçador de significações metafísicas

Que perturbam em mim quem eu fui...

(Pessoa, 1986, p. 248-249)

Além da sensação de vertigem, o eu-lírico experimenta, igualmente, a sensação de liberdade:

Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma, / E dentro de mim um volante começa a girar lentamente [...]” (Pessoa, 1986, p. 249). A heterotopia do barco, na poesia homoerótica pessoana, conforme Felipe Medeiros (2014), conota um lugar móvel, ou um não lugar, em que os desejos do eu-lírico estão exilados diante da possibilidade de uma viagem que o afaste dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade compulsória. Assim, o ritmo do volante invade o eu-lírico e embala seus pensamentos rumo ao “[...] mistério alegre e triste de quem chega e parte [...]” (Pessoa, 1986, p. 249).

A possibilidade de fuga do lugar comum e da experiência do deslocamento ameaça, pois, o ideal de uma identidade ancorada nos preceitos heterossexistas, estabelecidos pela tradição judaico-cristã. Conforme Guacira Lopes Louro, no ensaio *Pedagogias sobre a sexualidade* (2000), a norma que demarca os processos de reconhecimento vem sendo estabelecida, historicamente, tendo como referente - aquele que ocupa o lugar da neutralidade - o homem branco, heterossexual, cristão, proveniente da zona urbana e da classe (no mínimo) média. Com efeito, os ‘outros’ sujeitos sociais serão definidos e denominados a partir da diferença marcada em relação ao referente tido como neutro.

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!

Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina

E eu cismo indeterminadamente as viagens.

Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo
 horizonte!

Ah, os cabos, as ilhas, as praias arentas!
 As solidões marítimas, como certos momentos no Pacífico
 Em que não sei por que sugestão aprendida na escola
 Se sente pesar sobre os nervos o fato de que aquele é o maior dos oceanos
 [...]
 Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
 Vão rareando - ai de mim! - os navios de vela nos mares!
 E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as máquinas,
 Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
 Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira,
 De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
 Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
 O Puro Longe, liberto do peso do Atual...
 E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
 Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
 Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.
 [...]
 Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,
 Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
 O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
 E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho das águas,
 Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na minh'alma
 E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.
 Chamam por mim as águas,
 Chamam por mim os mares,
 Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
 As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.
 [...]
 Ah seja como for, seja por onde for, partir!
 Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar.

Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
 Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
 Levado, como a pocira, p'los ventos, p'los vendavais!
 Ir, ir, ir, ir de vez!
 Todo o meu sangue raiva por asas!
 Todo o meu corpo atira-se pra frente!
 Galgo p'la minha imaginação fora em torrentes!
 Atropelo-me, rujo, precipito-me! ...
 Estoiram em espuma as minhas ânsias
 E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!
 Pensando nisto - ó raiva! pensando nisto - ó fúria!
 Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
 Subitamente, tremulamente extraorbitadamente,
 Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,
 Do volante vivo da minha imaginação.
 Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,
 O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.
 (Pessoa, 1986, p. 252-255)

Na obra *Um corpo estranho*, a *viagem* é estabelecida por Guacira Lopes Louro como metáfora à problematização dos sujeitos que ultrapassam as fronteiras de gênero e de sexualidade, estabelecidas por uma matriz heterossexual que delimita os padrões a serem seguidos:

Uma viagem é definida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, supõe-se que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo. Mas talvez se possa pensar, também, numa distância cultural, naquela que representa como diferença, naquele ou naquilo que é estranho, no 'outro' distanciado e longínquo. A metáfora da viagem interessa-me para refletir não apenas sobre os percursos, as trajetórias e os trânsitos entre lugares/culturas ou posições-de-sujeito, mas, também, para refletir sobre partidas e chegadas. Importa-me o movimento e também os encontros, as misturas, os desencontros. [...] A viagem transforma o corpo, o 'caráter', a identidade, o modo de ser e de estar ... Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele) (Louro, 2008, p. 14-15, grifos da autora).

Diante do vislumbre da vida marítima enquanto espaço de transgressão, o eu-lírico vai entregando-se

a uma epifania alentada pela viagem rumo às ‘solidões marítimas’, demonstrando ânsia em romper com seus vínculos sociais e, conseqüentemente, com seus códigos restritivos. O engenheiro civilizado e educado no estrangeiro - conforme os padrões culturais - sente-se tomado pouco a pouco pelo forte delírio do ‘sonho das águas’. Assim, à medida que sente a força do ritmo do volante do navio, mais violento vai ficando seu delírio e, por conseguinte, mais incontrolável a vontade de romper as fronteiras:

Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas, /
Levado, como a poeira p’los ventos, p’los vendavais! /
Ir, ir, ir, ir de vez! / Todo o meu sangue raiva por
asas! / Todo o meu corpo atira-se para frente!
(Pessoa, 1986, p. 254).

Até que o volante, cada vez mais vivo em sua imaginação, acaba por liberar “[...] o cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima [...]” (Pessoa, 1986, p. 255).

Cumpre destacar que ‘a vida marítima’ está estreitamente relacionada ao poder político e ao desenvolvimento econômico daquela época. Avaliando o contexto histórico europeu, podemos conceber o navio como uma chave para ‘civilização moderna’. Seja considerando-se o seu sentido simbólico, seja observando-se seus componentes - carvão, máquinas e madeira -, o navio reúne uma série de significados discursivamente marcados pelo masculino: ‘virilidade’, produção econômica, força, liberdade, agressividade, entre outros. Soma-se o fato de que a profissão de engenheiro náutico, atribuída ao heterônimo Álvaro de Campos, é socialmente reconhecida, até em nossa atualidade, como um ofício reservado ao homem. Pondo em cena significados estruturados conforme uma ordem ‘falocêntrica’, os versos da poesia *Ode Marítima* transgridem a própria ordem que estabelece tais significados. Conforme a perspectiva apresentada, a leitura proposta considera que o momento de deslocamento a bordo do navio - mesmo que esse seja culturalmente reconhecido como lugar social proeminentemente masculino -, as viagens em alto-mar possibilitam a emergência de um eu interdito, ou seja, a oportunidade de o eu-lírico ‘sair do armário’:

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos
componentes

Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das
violações!

Ser quanto foi no lugar dos saques!

Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de
sangue!

Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,

E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os
piratas do mundo!

Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-
mulheres

Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos
piratas!

Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser
deles

E sentir tudo isso - todas estas coisas duma só vez -
pela espinha!

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do
crime!

Minhas marítimas feras, maridos da minha
imaginação!

Amantes casuais da obliquidade das minhas
sensações!

Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,

A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos
sonhos!

Porque ela teria convosco, mas só em espírito,
raivado

Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no
mar!

Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na
orgia oceânica

Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos
gestos.

[...]

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue
correndo!

Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,

Perco-me todo de mim, já não vos pertenco, sou vós,

A minha feminilidade que vos acompanha é ser as
vossas almas!

Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando
a praticáveis!

Sugar por dentro a vossa consciência das vossas
sensações

Quando tingíeis de sangue os mares altos,

Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões

Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das
crianças

E leváveis as mães às amuradas para verem o que
lhes acontecia!

[...]

Ah, torturai-me para me curardes!
 Minha carne - fazei dela o ar que os vossos cutelos
 atravessam
 Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
 Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
 Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
 Minha inteligência o convés onde estais de pé
 matando!
 Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico,
 absurdo,
 O grande organismo de que cada ato de pirataria que
 se cometeu
 Fosse uma célula consciente - e todo eu
 turbilhonasse
 Como uma imensa podridão ondeando, e fosse
 aquilo tudo!
 (Pessoa, 1986, p. 259-260).

Ressoante para muitas opressões modernas, a imagem do armário, conforme Sedgwick, é indicativa da homofobia, a materialização da “[...] estrutura definidora da opressão [...]” (2007, p. 26). Podemos inferir, por conseguinte, que a atitude de recolher-se ao armário não constitui uma escolha meramente individual, mas uma possibilidade balizada pelo contexto histórico-cultural. De acordo com os estudos empreendidos pela teórica norte-americana, o tropo do armário está relacionado com as posicionalidades figuradas pelos pares segredo/revelação, privado/público, configurando uma privacidade equívoca aos sujeitos marginalizados por efeito dos padrões hegemônicos. Nesse sentido, Sedgwick afirma que

[...] viver no armário, ou então sair dele, nunca são questões puramente herméticas. As geografias pessoais e políticas são, antes, as mais imponderáveis e convulsivas do segredo aberto [...] (2007, p. 39).

Destarte, na poesia *Ode Marítima* percebemos que a expressão de uma sexualidade até então reprimida é realizada em um espaço desprovido de qualquer ordem moral:

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes / Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações! / Ser quanto foi no lugar dos saques! / Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue! [...] (Pessoa, 1986, p. 259).

Por meio dos excertos expostos, entrevemos um imaginário que consubstancia a ideia do homoerotismo como desvio de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada. Segundo Jurandir Costa (1992),

[...] estruturamos nossas subjetividades de acordo com os ideais de eu ou subjetividades modelares pressupostas nas descrições do que deve ser o sujeito e que fazem parte de toda recomendação ética [...] (p. 19).

Assim, imerso em um imaginário centrado na heteronormatividade, o eu-lírico assimila os códigos que relacionam a realização homoerótica à doença, neurose, perversão, anomalia. Uma vez internalizada tal estrutura, o eu-lírico é levado a compreender que o caminho de saída do armário se dá, necessariamente, pela degradação do caráter e da decência:

Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge, / E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo! / Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres / Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas! [...] (Pessoa, 1986, p. 259).

A exacerbação da violência, o impulso de um desejo sadomasoquista se revela, ainda, como influxo das relações de subordinação e dominação, mantidas pela sociedade patriarcal. Nesse contexto, a imagem do homem representa força e fúria e a imagem da mulher, por conseguinte, é reificada, concebida como fonte de prazer do homem e associada à fragilidade e à passividade:

Ah, os piratas! os piratas!

A ânsia do ilegal unido ao feroz,

A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,

Que rói como um cio abstrato os nossos corpos franzinos,

Os nossos nervos femininos e delicados,

E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!

Humilhai-me e batei-me!

Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!

E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,

Ó meus senhores! ó meus senhores!

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa

Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!

Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,

Ó bárbaros do antigo mar!

Rasgai-me e feri-me!

De leste a oeste do meu corpo
 Riscaí de sangue a minha carne!
 Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva
 O meu alegre terror carnal de vos pertencer.
 A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
 Em ser objeto inerte e sentiente da vossa omnívora
 crueldade,
 Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!
 Ah, torturái-me,
 Rasgai-me e abri-me!
 Desfeito em pedaços conscientes
 Entornai-me sobre os conveses,
 Espalhai-me nos mares, deixai-me
 Nas praias ávidas das ilhas!
 (Pessoa, 1986, p. 261-262).

Os versos apresentados, que tomam os contornos de uma prece suplicante, revelam o desejo do eu-lírico em assumir um corpo passivo, submisso e que anseia pela punição. A satisfação masoquista pode ser interpretada como uma consequência do sentimento de culpa, pois o conflito em assumir a existência de um desejo relegado à perversidade e à anomalia acaba por de-formar o reconhecimento da pulsão homoerótica, provocando o ressentimento, a raiva e a autodepreciação. No entanto esse processo não deixa de ser, de alguma forma, uma experiência libertadora, de modo a levar o eu-lírico a um desordenado estado de êxtase:

Fazei de mim qualquer, cousa como se eu fosse
 Arrastado - ó prazer, ó beijada dor! -
 Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...
 Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-A-A-AR!
 Eh-ch-ch-ch-ch! Eh - ch-ch-ch-ch-ch! EH-EH-EHEH-EH-EH-EH! No MA-A-A-A-AR!
 Yeh ch-ch-ch-ch-ch! Yeh-ch-ch-ch-ch-ch! Yeh-ch-ch-ch-ch-ch!
 Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos,
 Marés, gáveas, piratas, a minha alma, o sangue, e o ar, e o ar!
 Eh-ch-ch-ch! Yeh-ch-ch-ch-ch! Yeh-ch-ch-ch-ch-ch!
 ch! Tudo canta a gritar!
 (Pessoa, 1986, p. 262).

Uma vez que o desejo reprimido foi extravasado, com toda força e fúria que uma alta maré pode

alcançar, o ritmo alternado do mar começa a abrandar-se e, conseqüentemente, o eu-lírico sente o volante desacelerando. O vazio e o deserto tomam o lugar da vertigem do mar em fúria. O despertar do delírio significa tornar do grito ao silêncio, assim, a voz-sereia vai calando-se e retornando ao fundo do abismo:

Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoiteceu.
 Senti demais para poder continuar a sentir.
 Esgotou-se-me a alma, ficou só um eco dentro de mim.
 Decresce sensivelmente a velocidade do volante.
 Tiram-me um pouco as mãos dos olhos os meus sonhos.
 Dentro de mim há um só vácuo, um deserto, um mar noturno.
 E logo que sinto que há um mar noturno dentro de mim,
 Sabe dos longes dele, nasce do seu silêncio,
 Outra vez, outra vez o vasto grito antiquíssimo.
 De repente, como um relâmpago de som, que não faz barulho mas ternura,
 Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo
 Úmido e sombrio marulho humano noturno,
 Voz de sereia longínqua chorando, chamando,
 Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma dos Abismos,
 E à tona dele, como algas, boiam meus sonhos desfeitos...
 (Pessoa, 1983, p. 263).

Ainda que de modo conflituoso, a viagem agora toma o caminho inverso. O 'civilizado engenheiro' – observando-se os padrões em vigência – reencontra suas memórias e regressa aos espaços regulados pela heteronormatividade. A tontura feroz e doce do delírio marítimo acaba por se dissipar, revelando um eu-lírico vulnerável e repleto de compunções:

Era na velha casa sossegada ao pé do rio
 (As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar também,
 Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,
 Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutra ponto, mais abaixo
 Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às mesmas janelas.

Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto...)

Uma inexplicável ternura,

Um remorso comovido e lacrimoso,

Por todas aquelas vítimas - principalmente as crianças -

Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,

Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;

Terna e suave, porque não o foram realmente;

Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,

Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?

Que longe estou do que fui há uns momentos!

Histeria das sensações - ora estas, ora as opostas!

Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe

As cousas de acordo com esta emoção - o marulho das águas.

O marulho leve das águas do rio de encontro ao cais...,

A vela passando perto do outro lado do rio,

Os montes longínquos, dum azul japonês,

As casas de Almada,

E o que há de suavidade e de infância na hora matutina!...

(Pessoa, 1986, p. 263-264).

O volante perde sua velocidade de forma definitiva, dando início ao ritual de 'retorno ao armário'. Observamos a assunção dos pensamentos de higiene e limpeza como busca de purificação do corpo e da alma. O eu-lírico esforça-se, então, por reajustar-se ao espaço social, tal como a parte da engrenagem de uma máquina. Notemos que os mesmos elementos reservados, outrora, à transgressão da ordem, que reforçam os significados atinentes ao masculino - como, por exemplo, a profissão decente e estável de engenheiro naval - estão, agora, a serviço da regulação desses. Logo, a 'escrita desdobrada'¹⁰ de Fernando Pessoa contradiz a clausura dos significados, apontando a impossibilidade de termos a urdidura da rede semântica. A noite se dissipa e a cidade é tomada

pelo brilho do Sol, finda-se a euforia desmedida e tudo volta ao ritmo arrastado. Sobremodo, a alma faz-se silenciosa:

Já não me importa o pacote que entrava. Ainda está longe.

Só o que está perto agora me lava a alma.

A minha imaginação higiênica, forte, prática,

Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,

Com os navios de carga, com os pacotes e os passageiros,

Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais, verdadeiras.

Abranda o seu giro dentro de mim o volante.

Maravilhosa vida marítima moderna,

Toda limpeza, máquinas e saúde!

Tudo tão bem arranjado, tão espontaneamente ajustado,

Todas as peças das máquinas, todos os navios pelos mares,

Todos os elementos da atividade comercial de exportação e importação

Tão maravilhosamente combinando-se

Que corre tudo como se fosse por leis naturais,

Nenhuma coisa esbarrando com outra!

(Pessoa, 1986, pp. 266-277).

Todo o lado de cá da cidade brilha...

Parte, deixa-me, torna-te

Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,

Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto

Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),

Ponto cada vez mais vago no horizonte...

Nada depois, e só eu e a minha tristeza,

E a grande cidade agora cheia de sol

E a hora real e nua como um cais já sem navios,

E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,

Traça um semicírculo de não sei que emoção

No silêncio comovido da minh'alma...

(Pessoa, 1986, p. 269).

Em suma, com o distanciamento do navio, o corpo do eu-lírico procura reajustar-se ao ritmo da cidade, seus sentidos agora se voltam à percepção da

¹⁰ De acordo com Derrida (2001) a escrita desdobrada está relacionada ao gesto duplo - que compreende uma unidade ao mesmo tempo sistemática e afastada dela própria - ou seja, uma escrita múltipla, estratificada, deslocada e deslocante.

vida prática e moderna: o trabalho, o movimento das pessoas, o comércio. É chegada a hora 'real e nua' de retornar ao armário, sublimando o desejo considerado abjeto e readequando-se às imposições culturais. Como bem marca Sedgwick (2007), a força da imagem do armário pode ser compreendida na comum relegação da sexualidade à interioridade de um espaço impermeável. O delírio de emoções, proporcionado pelo ritmo acelerado do volante, cede o espaço à racionalidade disciplinar e de ritmo regrado, representada na evocação do exercício profissional como engenheiro naval:

E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira, / Traça um semicírculo de não sei que emoção / No silêncio comovido da minh'alma [...] (Pessoa, 1986, p. 269).

Enfim, o desejo silenciado reporta-nos ao imaginário correspondente a um contexto social em que os gêneros estão regulados conforme os critérios inscritos na idealização binária do masculino e do feminino.

Considerações finais

Em *Ode Marítima*, Fernando Pessoa nos faz mergulhar no antagonismo que marcou a Europa nas primeiras décadas do século XX. Um poema *avant-garde* em versos livres e vertiginosos. Tudo nele marca a euforia exagerada diante dos avanços técnico-científicos e do progresso industrial: (i) sua extensão cuidada em 938 versos, (ii) sua linguagem torrencial, exclamativa, acelerada e ruidosa, (iii) a tematização das viagens marítimas - marco do imperialismo europeu. O inquietante poema traduz, sobremaneira, o ritmo acelerado das grandes metrópoles em um período que se destaca pela rivalidade econômica e pelas intensas e catastróficas disputas de poder.

A angústia do eu-lírico no confronto com o armário nos permite entrever um imaginário consubstanciado pela opressão ao homoerotismo, exercida por uma matriz heteronormativa que busca regular as sexualidades. Uma estrutura de poder notadamente patriarcal que reserva ao homem não só o direito de comandar como também de saquear, invadir, matar, estuprar, assaltar, castigar, torturar, expulsar, enfim. Por sua vez, a mulher ocupa o espaço de submissão, resignação e fragilidade. Sob a égide do patriarcalismo, as possibilidades de realização afetivo-sexual homoerótica são apontadas como anomalia, perversão, neurose, doença etc. Outrossim, a leitura de *Ode Marítima* perturba as posicionalidades que se pretendem fixas e estabilizadas. Os versos assinalados pelo heterônimo pessoano, Álvaro de Campos, consagram a pluralidade, a começar pela forma adotada. A partir

do conflito do eu-lírico com o armário, o poeta expõe uma forma de desvio da normatividade hegemônica, acabando por colaborar com o rechaço do processo regulador em si.

Referências

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Renato Aguiar, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1990).
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Nova York, NY: Routledge.
- Correia, V. (Org.). (2016). *Fernando Pessoa. A homossexualidade, a identidade de gênero, e as mulheres*. Paris, FR: Nota de rodapé edições.
- Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia* (Mirian Schnaiderman e Renato Ribeiro, trads.). São Paulo, SP: Perspectiva. (Original publicado em 1967).
- Derrida, J. (2001). *Posições* (Tomaz Tadeu da Silva, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Original publicado em 1972).
- Douglas, L. A. (1894). Two Loves. *The Chameleon*, 1 (I), 26-28. Recuperado de <https://www.bl.uk/collection-items/the-chameleon>
- Iser, W. (1996). *O Fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária* (Johannes Kretschmer, trad.). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ. (Original publicado em 1991).
- Louro, G. L. (2000). Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro (Org.), *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade* (p. 7-34). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Louro, G. L. (2008). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Medeiros, F. G. (2014). *O ser elástico, mola, agulha, trepidação: expressões do homoerotismo em Fernando Pessoa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Recuperado de http://www.repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16339/1/FelipeGM_DISSERT.pdf
- Pessoa, F. (1986). *Fernando Pessoa: obra poética* (8a ed.), (Maria Aliete Dores Galhoz, organização, introdução & notas). Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, (28), 19-54. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>

Received on February 29, 2016.

Accepted on November 3, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.